

# PRESENÇA ESTRANGEIRA NA PRODUÇÃO DE *COMMODITIES*: O CASO DA INDÚSTRIA DE ETANOL NO BRASIL

Keiti da Rocha Gomes\*

## 1 Introdução

Nos anos recentes, os quatro grandes mercados emergentes – China, Brasil, Índia e Rússia – vêm ganhando destaque na atração de investimento estrangeiro direto (IED). Um estudo publicado no início de setembro pela Organização das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, em inglês) mostrou que o Brasil superou pela primeira vez os Estados Unidos como destino dos IEDs, nos planos das multinacionais, e apareceu na terceira posição entre os mercados preferidos para os investimentos externos, ficando atrás apenas da China e da Índia, respectivamente, primeiro e segundo lugares.<sup>1</sup>

De modo análogo, os dados do *Censo de Capitais Estrangeiros* divulgados pelo Banco Central do Brasil (BCB) explicitaram um aumento significativo no ingresso de investimentos externos a partir de 2003, majoritariamente direcionados para as atividades primárias e secundárias relacionadas à produção e à industrialização de *commodities*. Um dos destaques desta atual dinâmica referiu-se à maior presença do capital internacional na produção do etanol brasileiro, o que trouxe à tona as preocupações sobre os potenciais impactos deste processo na estrutura da indústria sucroalcooleira do país.

O debate em torno dessa questão passa pelo entendimento do recente e rápido movimento de elevação da participação estrangeira nos vários segmentos de *commodities* no Brasil, dos reflexos deste quadro na produção doméstica do etanol, bem como dos complexos arranjos econômicos que vêm sendo progressivamente montados entre os participantes do setor.

## 2 IED nas atividades de *commodities*

Entre as várias preocupações presentes na pauta geopolítica global, a exploração dos recursos energéticos, aliada ao crescimento econômico intensivo em energia, tem assumido uma posição central. O progressivo consumo de petróleo, carvão e gás natural é, por um lado,

---

\* Mestre em Economia pelo Instituto de Pesquisa Econômica (IPE) da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP) e Assistente de Pesquisa da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Deint) do Ipea.

1. UNCTAD (2010). Segundo o estudo, os cinco países mais citados nos planos de investimentos externos das multinacionais entre 2010 e 2012, são, pela ordem, China, Índia, Brasil, Estados Unidos e Rússia. Esta é a primeira vez que os quatro maiores mercados emergentes – China, Índia, Brasil e Rússia – estão todos entre as principais destinações dos IEDs.

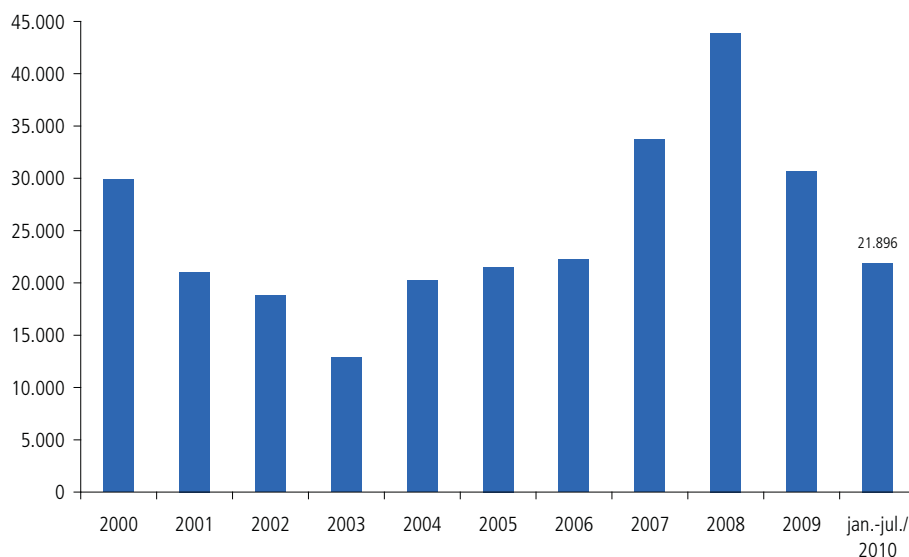
acompanhado de pressões políticas relacionadas à emissão dos gases causadores do efeito estufa e suas implicações sobre as mudanças climáticas, e, por outro, sujeito ao contexto de maior pressão sobre os preços dos combustíveis fósseis no mundo, em parte decorrente tanto do aumento da demanda mundial como dos crescentes custos envolvidos na exploração do insumo.<sup>2</sup> Na tentativa de superação de tais dificuldades, cresce o interesse de governos e empresas privadas por fontes alternativas de energia renováveis e, paralelamente, por mercados externos potencialmente fornecedores de recursos primários.

Nessa conjuntura, o Brasil assume dupla posição de destaque em ambas as estratégias apontadas, seja pelo notório sucesso da experiência brasileira na produção e comercialização do álcool combustível a partir da cana-de-açúcar, seja pela tradicional vantagem competitiva do país na atividade agrário-exportadora. Não surpreende que o aumento recente dos capitais estrangeiros na economia doméstica tenha estado fortemente atrelado ao interesse dos investidores na produção e industrialização de *commodities*. Segundo dados do *Censo de Capitais Estrangeiros* divulgados pelo BCB e apresentados no gráfico 1, verificou-se, a partir de 2003, uma importante tendência de avanço da participação das empresas estrangeiras no país, comportamento acentuado nos anos posteriores a 2006. Entre 2003 e 2008, as entradas de IED na economia triplicaram, passando de US\$ 12,9 bilhões para quase US\$ 43,8 bilhões, volume recorde na década. Em 2009, a despeito dos efeitos da crise financeira internacional, os ingressos de IED somaram US\$ 30,6 bilhões e, nos primeiros sete meses de 2010, este volume superou US\$ 21,8 bilhões, o equivalente a 70% do total registrado em todo o ano de 2009 e a 50% do volume recorde de 2008.

GRÁFICO 1

**Ingresso de IED no Brasil**

(Em US\$ milhões)

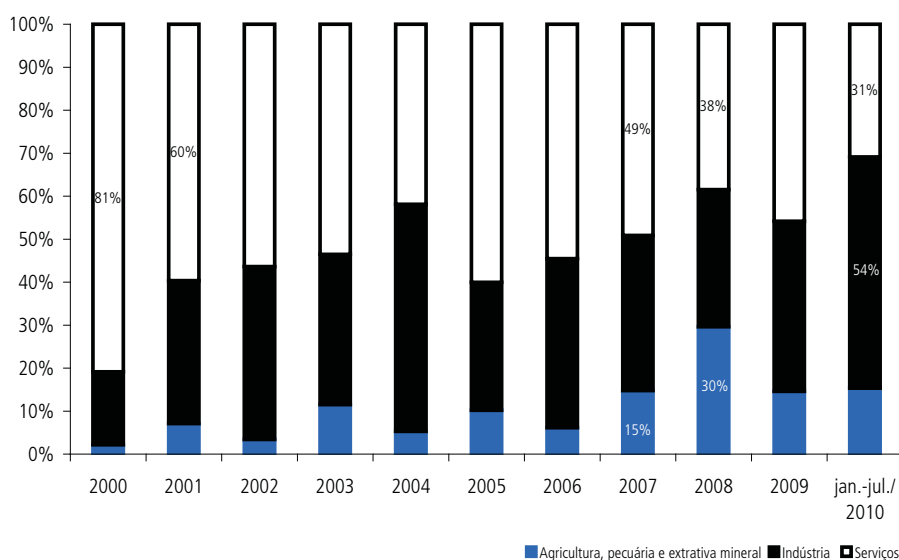


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do BCB.

2. Ver discussão em Acioly e Cintra (2010).

A análise mais detalhada dessa evolução expõe uma mudança importante nos setores para os quais os investimentos externos têm se orientado. De acordo com o gráfico 2, no ano 2000 mais de 80% destes capitais foram direcionados para as atividades de serviços, restando para a agricultura<sup>3</sup> e a indústria valor não superior a 2% e 17%, respectivamente. Desde então, os ingressos de capitais internacionais nestas duas atividades tiveram aumentos consideráveis, partindo de aproximadamente US\$ 640 milhões e US\$ 5 bilhões, no ano 2000, para cerca de US\$ 4 bilhões e US\$ 12 bilhões, em 2009, na agricultura e na indústria, respectivamente. O impacto setorial mais expressivo pode ser verificado nos dados registrados entre janeiro e julho de 2010, quando a indústria foi responsável por quase 54% do total de IED registrado, e a agricultura por mais de 15%.

GRÁFICO 2

**Ingresso de IED no Brasil por setor de atividade**  
(Em %)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do BCB.

Mais especificamente sobre as atividades primárias, o crescimento da presença estrangeira tem sido significativa na extração de petróleo e gás natural, atividade que recebeu pouco mais de US\$ 480 milhões de IED no ano 2000 e atingiu em 2008 o auge de US\$ 2,5 bilhões. Paralelamente, nos anos seguintes a 2006, também se observa maior inversão de capitais internacionais na produção agrícola e pecuária, seguido pela extração de minerais metálicos e não metálicos, com recordes de ingressos registrados nos anos de 2007 e 2008, antes dos efeitos da crise financeira internacional, como mostra o gráfico 3. Em 2010, as entradas apuradas entre janeiro e julho para estes segmentos superaram o volume total recebido em 2009, e já equivalem a 50% dos fluxos de 2007.<sup>4</sup>

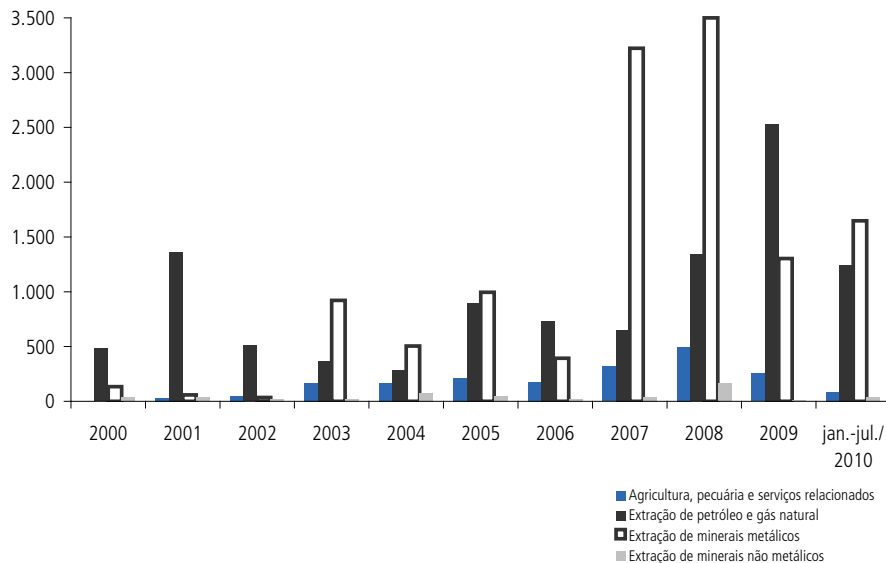
3. Inclui os setores de pecuária e extração mineral.

4. Em 2008, o segmento de extração de minerais metálicos registrou um IED recorde de US\$ 10,6 bilhões, resultado, entre outras operações, da venda pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) da sua participação de 40% na Nacional Minérios S.A. (Namisa) para um consórcio de siderúrgicas sul-coreanas e japonesas, em dezembro daquele ano.

GRÁFICO 3

**IED no Brasil – segmentos da atividade primária<sup>1</sup>**

(Em US\$ milhões)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do BCB.

Nota: <sup>1</sup> A divisão acompanha a tabela de Classificação Nacional de Atividades Econômicas (Cnae-2.0), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O segmento de atividades primárias representa os setores de agricultura, pecuária e extração mineral na Cnae.

Em relação às atividades industriais, os investimentos estrangeiros também estiveram concentrados nos ramos relacionados às *commodities*. Particularmente nos anos posteriores a 2005, a maior parcela do IED foi direcionada para a metalurgia, seguida pela fabricação de combustíveis, o que inclui a fabricação de coque e de biocombustíveis (majoritariamente o álcool), e, em menor magnitude, a de celulose e papel e outros produtos de madeira.<sup>5</sup> O gráfico 4 traz a evolução desses capitais a partir de 2000 e ressalta a expressiva dinâmica da metalurgia, que em 2005 recebeu em torno de US\$ 300 milhões e em 2008 atingiu o patamar de US\$ 4,9 bilhões. Na mesma linha, o segmento de combustíveis brasileiro, outro alvo dos investidores internacionais, partiu de US\$ 259 milhões em 2006 e alcançou o montante de US\$ 1,6 bilhão em 2008. Ainda sobre esta atividade, entre janeiro e julho de 2010 a presença externa atingiu o patamar de US\$ 2 bilhões e superou em 30% o volume registrado em 2008. Quando comparado a 2009, ano que mais refletiu os efeitos da crise financeira internacional, o percentual foi de 58%.

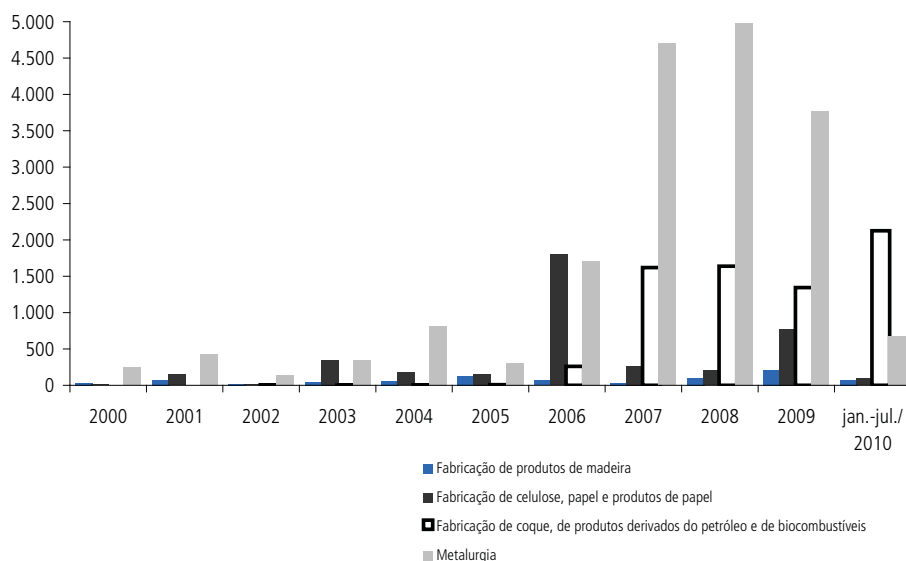
Essa perceptível mudança no interesse setorial dos investidores internacionais já tem reflexos em segmentos importantes do ramo de *commodities* no Brasil. Em alguns setores de sucesso, como o da indústria sucroalcooleira, o aumento da presença estrangeira tem provocado transformações relevantes na estrutura produtiva, com implicações tanto para o mercado doméstico como para as estratégias políticas mais amplas na indústria do etanol.

5. Outro segmento de destaque é a fabricação de produtos alimentícios, o qual, entretanto, é marcado por elevada volatilidade na série IED direcionado para a atividade. O segmento engloba: abate e fabricação de produtos de carne; fabricação de conservas de frutas; legumes e outros vegetais; fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais; laticínios; moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais; fabricação e refino de açúcar; torrefação e moagem de café; fabricação de outros produtos alimentícios.

GRÁFICO 4

**IDE no Brasil – segmentos da atividade industrial<sup>1</sup>**

(Em US\$ milhões)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do BCB.

Nota: <sup>1</sup> A classificação acompanha a tabela da Cnae-2.0, do IBGE.

Sobre esse último aspecto, o movimento de entrada das empresas internacionais levanta duas questões centrais, porém com desdobramentos opostos na análise acerca da sua consequência para a produção do álcool combustível brasileiro. Por um lado, a maior presença estrangeira, ao mesmo tempo em que aumenta o grau de internacionalização do setor, traz impactos positivos ao processo de “commoditização” do biocombustível, na medida em que reduz, em tese, a resistência dos países sedes das multinacionais a aceitarem ou elevarem a adição do álcool na gasolina. Isto eleva o potencial do mercado consumidor e aumenta a variedade das multinacionais produtoras. Tal resultado vai ao encontro dos esforços da política externa brasileira de, nos últimos anos, tentar transformar o etanol numa *commodity* mundialmente negociável.

Por seu turno, o referido processo de internacionalização pode estar sendo acompanhado pela desnacionalização e concentração das unidades produtoras locais, exibindo uma face unidirecional, qual seja, a entrada de companhias internacionais não acompanhada pela igual capacidade das empresas nacionais de avançarem para o exterior. Ao contrário do que se expôs, este movimento levanta barreiras para a estratégia do governo brasileiro de levar para o exterior as tecnologias e os equipamentos desenvolvidos no mercado doméstico, de modo a se estimular tanto a inserção internacional das empresas brasileiras quanto a produção de etanol pelo setor privado nos outros países.<sup>6</sup>

6. A discussão sobre os esforços do governo brasileiro para o aumento do número de produtores de etanol no mundo é realizada por Schutte e Barros (2010).

Com base nos problemas citados, apresenta-se a seguir uma análise mais detalhada acerca do aumento recente da presença estrangeira na indústria da cana-de-açúcar no Brasil, e dos principais impactos desse processo para a estrutura produtiva da *commodity*.

### 3 A entrada estrangeira no setor sucroalcooleiro

A perspectiva de crescimento da demanda mundial por biocombustíveis tem atraído a atenção de grandes empresas multinacionais para o setor, o que geralmente é acompanhado pela introdução de complexos arranjos de investimentos nas diferentes etapas da cadeia produtiva. No caso do etanol, o interesse tornou-se relativamente maior a partir do início dos anos 2000, quando três fatores ganharam relevância para se explicar o maior reconhecimento desta *commodity* como alternativa energética (GUEDES; TEIXEIRA, 2009). Primeiro, o crescimento contínuo da economia mundial e o decorrente impacto na demanda global por energia, com ênfase para a China e a Índia nesse processo. Segundo, o fortalecimento dos debates internacionais acerca das questões ambientais ao longo da última década, com especial destaque para o estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) (ver IPCC, 2007) sobre as mudanças climáticas oriundas da concentração dos gases de efeito estufa no planeta. Terceiro, o expressivo aumento da cotação dos preços das *commodities* de energia nos mercados mundiais.

Mais especificamente sobre o terceiro aspecto, alguns estudiosos apontam o movimento de alta dos preços internacionais, notadamente a partir de 2003, como o principal elemento de indução à busca por novas fontes de energia e, conseqüentemente, de ampliação dos investimentos no segmento de biocombustíveis. Segundo Benetti (2008), a partir daquele ano os preços do setor de energia passaram a crescer de forma geométrica, definindo uma tendência que somente viria a se estabilizar a partir de 2006, ainda que num patamar 3,5 vezes superior ao registrado ao longo dos anos 1990. No Brasil, este período coincidiu com o crescimento do mercado doméstico de etanol, estimulado pela comercialização dos veículos com tecnologia *flex-fuel*, lançados em 2003, e que foram responsáveis por mais de 50% do total de veículos produzidos em 2005. Em 2008, mais de 90% dos novos carros vendidos (2,3 milhões de unidades, segundo estimativas) possuíam esta tecnologia e representavam aproximadamente 25% da frota total brasileira. Projeta-se que o percentual suba para 52% em 2012 e para 65% em 2015 (BENETTI, 2008; 2009), o que explica, portanto, o relativo maior interesse dos investidores nesta reserva de mercado para etanol nos últimos anos.

O movimento inicial de entrada das companhias internacionais esteve baseado tanto na perspectiva de crescimento acelerado no mercado doméstico, garantido pela referida tendência na comercialização de veículos bicompostíveis,<sup>7</sup> como na expectativa positiva para as exportações brasileiras ainda no início de 2003.<sup>8</sup> Um dos primeiros investimentos

7. Segundo Benetti (2008, p. 4), essa reserva de mercado como fator de atração para as empresas é importante como garantidor da demanda, uma vez que "(...) ela pode contar, praticamente, com um piso garantido para a colocação de sua produção".

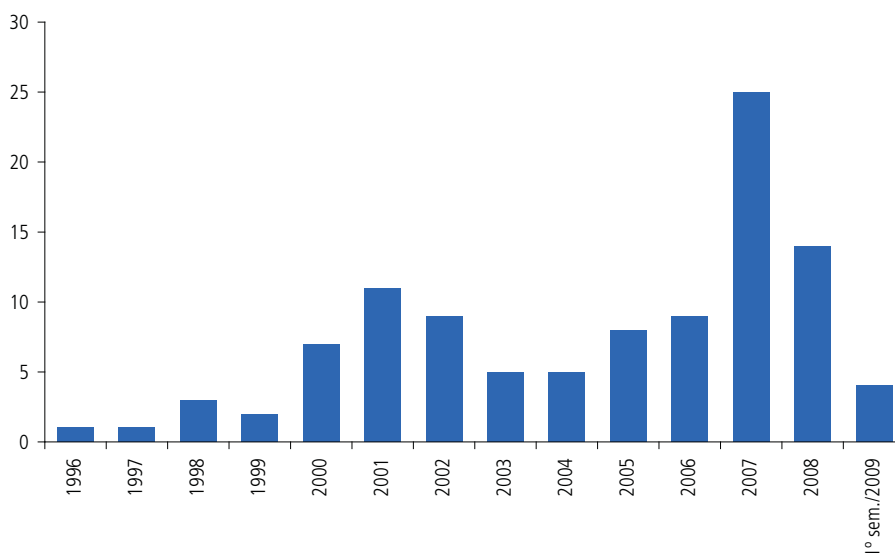
8. Segundo Mattoso (2008), as exportações brasileiras de etanol cresceram mais de 300% entre 2003 e 2005, constituindo um fator importante para o aumento do interesse dos investimentos empresariais no setor.

estrangeiros na indústria brasileira foi o realizado pelo grupo francês Louis Dreyfus, por meio da aquisição de uma empresa nacional do setor no ano 2000. Deste momento em diante, diversos grupos originários de países europeus e asiáticos, além dos Estados Unidos, começaram a operar no Brasil, adquirindo pequenas unidades produtoras locais ou recorrendo a formas mais sofisticadas de atuação no setor. Entre os principais grupos (ver quadro A.1 no anexo), destacam-se: Adecoagro (investidor George Soros), Cargill, Bunge e Archer Daniels Midland Company – ADM (Estados Unidos); Louis Dreyfus e Tereos (França), Evergreen e Infinity Bio-Energy (Reino Unido); Noble (Cingapura); e Abengoa (Espanha).

Em consequência dessa rápida dinâmica que marcou a chegada das empresas multinacionais, observam-se expressivas mudanças em toda a cadeia produtiva do etanol no Brasil, com impactos significativos na estrutura doméstica de produção, tradicionalmente caracterizada pela preponderância de empresas familiares de capital nacional e pela pulverização das unidades produtivas.

Mais recentemente, o setor sucroalcooleiro, que já exibiu um lento e gradual movimento de concentração no início de 2000, conforme demonstrado no gráfico 5, parece adentrar, nos últimos anos, em uma nova fase de consolidação, na qual a estratégia de comprar pequenas usinas para se ter ganhos de escala começa a ser suplantada por negociações que objetivam conquistar e ampliar os mercados existentes, do que resulta o aumento da participação dos capitais estrangeiros entre os concorrentes mais fortes do setor.

GRÁFICO 5  
Fusões e aquisições no setor sucroalcooleiro do Brasil



Fonte: KPMG (2009).

Tal percepção pode ser justificada pelos números de atividade nesse segmento. Um estudo da KPMG (2009) mostrou que em 2007, auge das aquisições e fusões no setor, houve 25 transações desta natureza, enquanto em 2008, apesar da crise, ocorreram 14, e

no primeiro semestre de 2009 aconteceram 4 transações. Uma visão mais detalhada sobre estas operações mostrou que das 14 fusões e/ou aquisições realizadas em 2008, 8 envolveram capital estrangeiro, enquanto que entre as 4 apontadas em 2009, 3 aquisições tiveram como contraparte empresas ou investidores de capital externo. O quadro A.2 no anexo traz exemplos destas transações ocorridas no setor de etanol no Brasil nos últimos anos. Este movimento sinalizou não somente um processo de concentração da produção, como também um expressivo interesse dos *players* internacionais no mercado, uma vez que, das cinco maiores usinas duas possuem capital estrangeiro.<sup>9</sup>

Além dessas tradicionais operações de aquisições e fusões, o processo de internacionalização da indústria brasileira do etanol tem assumido diferentes nuances. Outras formas mais complexas e sofisticadas de participação, algumas vezes acompanhadas por arranjos com instrumentos financeiros, têm sido com frequência utilizadas para o ingresso estrangeiro no mercado doméstico. Tais operações, crescentemente praticadas nesta indústria, são caracterizadas pela formação de *joint ventures*, alianças com empresários locais, entrada de capitais via fundos de investimentos, acordos estratégicos formais de intercâmbios nas áreas de produção, comércio, pesquisa e transferência de tecnologia, entre outros. Segundo Benetti (2008), em relação a estas formas de atuação a complexidade das relações econômicas que têm sido criadas entre os grupos nacionais e estrangeiros tornou-se de tal forma acentuada que fica difícil conhecer todas as conexões que envolvem os protagonistas da cadeia de produção e comercialização do etanol, bem como o real tamanho de cada participante no mercado.

Um exemplo das intrincadas conexões na estrutura da indústria sucroalcooleira do Brasil pode ser ilustrado com as operações realizadas pelo grupo Santelisa Vale S.A., detalhadas adiante. Preliminarmente, cabe apenas ressaltar que a tendência de entrada estrangeira no mercado vem se consolidando também mediante a construção de novas plantas produtoras, os chamados projetos *greenfield*, os quais envolvem volumosos aportes financeiros. Entre os principais exemplos desta modalidade de investimento, cite-se a construção de novas plantas pelos grupos Louis Dreyfus, ETH Bioenergia (controlada pelo grupo Odebrecht e parceira da japonesa Sojitz Corporation) e Brenco.<sup>10</sup>

A seguir são apresentadas duas transações envolvendo a entrada de novos atores no setor de etanol brasileiro com o objetivo de exemplificar, no primeiro caso, a complexidade das relações econômicas que têm sido estabelecidas entre os grupos nacionais e internacionais do setor, e, no segundo, a magnitude dos recentes investimentos atraídos pelas perspectivas positivas de ganhos no mercado.

9. *Ranking* de produção na safra 2008-2009 das unidades do Estado de São Paulo divulgado pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), disponível na página eletrônica: <[www.unica.com.br](http://www.unica.com.br)>

10. Mais detalhes sobre esses empreendimentos são apresentados em Ramos *et al.* (2008).



### 3.1 Grupo Santelisa Vale S.A.

A Santelisa Vale S.A., ou Santelisa, está entre as cinco maiores produtoras de açúcar e álcool no Brasil, e é a primeira na geração de energia a partir do bagaço da cana-de-açúcar. A constituição do grupo remonta a 2007, quando da fusão de duas empresas nacionais: a Companhia Energética Santa Elisa (Cese) e a Companhia Açucareira Vale do Rosário.

No mesmo ano, a formação de uma *joint venture* entre a Santelisa e uma das empresas do grupo nacional Maeda, importante produtora de algodão em Goiás, deu origem à companhia Tropical Bioenergia. Também em 2007, o banco de investimento Goldman Sachs e a subsidiária do mercado de capitais BNDES Participações (BNDESPAR), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), assumiram parte do controle da Santelisa, tornando-se sócios das famílias proprietárias do grupo. Cabe mencionar, ademais, a constituição de outra *joint venture* em 2007, envolvendo a Santelisa e o fundo de investimento Global Food Holding, sediado nas Antilhas Holandesas, formando a Companhia Nacional de Açúcar e Álcool (CNAA), a qual adquiriu recursos junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para financiar parte do projeto de construção de quatro unidades industriais em Minas Gerais e Goiás. O interessante desta última operação foi a participação de uma instituição multilateral de fomento no financiamento de projetos privados no setor.

No ano seguinte, a terceira maior petroleira do mundo – a British Petroleum (BP) – adquiriu 50% do capital dessa empresa, passando a nova sociedade a nomear-se BP Etanol. Uma terceira *joint venture* também foi formada em 2008 entre a *trading* Crystalsev, uma subsidiária da Cese, e a norte-americana Amyris, dando origem à Amyris-Crystalsev, que objetivava atuar principalmente na produção e na comercialização de biocombustíveis de última geração. Neste arranjo, a Santelisa atuou na produção da cana-de-açúcar, enquanto a Crystalsev respondeu pela comercialização da produção e a Amyris encarregou-se da transferência de tecnologia, sendo esta última a empresa com participação majoritária no controle do grupo.<sup>11</sup> A mesma Crystalsev realizou uma adicional parceria com a Dow Chemical para a produção de polietileno, passando o grupo a ter uma participação também na indústria química, mais especificamente na indústria álcoolquímica.

Por fim, com o objetivo de construir e operar uma malha de dutos para transporte de etanol, a Crystalsev realizou uma associação com a Cosan e a Cooperativa de Produtores de Cana-de-açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (Copersucar), criando a Uniduto, buscando viabilizar recursos para o empreendimento que transportaria o combustível das usinas das regiões do Centro-Sul e Sudeste para o porto de Santos.

Todas essas operações chamam a atenção para a complexidade das relações na indústria sucroalcooleira nacional, a qual se expressa também na diversidade de investidores

11. Cabe ressaltar que a Crystalsev já possuía uma estrutura de comercialização de açúcar e álcool capaz de atender aos mercados interno e internacional de usinas pertencentes ou não ao grupo. A Amyris é empresa norte-americana líder na última geração de combustíveis renovados, constituída por recursos da Fundação Bill e Melinda Gates e de empresas do Vale do Silício, como a Kleiner Perkins, Khosla Ventures e TPG Biotech (BENETTI, 2008).

participantes: empresas de produção nacionais do setor, instituições governamentais, instituição de fomento nacional e internacional, bancos de investimentos, empresas internacionais, fundos de investimento, entre outros.

### 3.2 Cosan e Shell

No primeiro semestre de 2010, a Cosan anunciou a abertura das negociações para a criação de uma *joint venture*, estimada em US\$ 12 milhões, com a holandesa Shell. A operação, concluída em agosto deste ano, criou a segunda maior distribuidora de combustíveis do país, com faturamento em torno de R\$ 50 bilhões. Segundo o jornal *Valor Econômico* (ver SCARAMUZZO, 2010), em abril de 2010 as duas empresas juntas tiveram uma participação de aproximadamente 19,1% em todos os mercados de combustíveis no Brasil – diesel, gasolina, etanol, aviação e gás natural veicular (GNV) –, o que representou a segunda maior parcela do setor. O grupo Ultra (Texaco e Ipiranga), em terceiro lugar, respondeu por 18,4%, enquanto a líder BR Distribuidora (grupo Petrobras) respondeu por 36,7%.

A companhia resultante foi particularmente beneficiada por uma aquisição anterior, a qual envolveu a compra do grupo Esso Brasileira de Petróleo S.A. pela mesma Cosan, em 2008, e que, até o momento, é considerada uma das maiores transações já realizadas pela empresa. Com essa aquisição, a Cosan mantinha planos de utilizar a estrutura da Esso e aumentar a sua rede de distribuição em mais de 100 postos, uma vez que a companhia possui 1.650. Segundo informação da própria empresa, a estratégia seria expandir a distribuição por meio de bandeiras brancas e contratos diretos com os postos de combustíveis. A Shell, por sua vez, que tinha no país cerca de 2.700 unidades, planejava englobar outros 150 postos. Para esta empresa, o anúncio da *joint venture* constituiu um passo ousado no setor de distribuição e produção de etanol, considerando que a multinacional mantinha apenas pesquisas na segunda geração de combustíveis.

Com a confirmação do acordo, a Shell e a Cosan transferem mutuamente os respectivos segmentos brasileiros de distribuição e varejo de combustíveis, resultando numa rede de aproximadamente 4.500 postos de gasolina em todo o território, o que torna a companhia resultante a terceira maior varejista de combustíveis do país e com elevado potencial de crescimento. De acordo com o memorando de entendimento, as duas empresas concordam em expandir o escopo da companhia a fim de torná-la um *player* global na produção de açúcar e de etanol, ficando vedada a concorrência das suas filiais com a *joint venture* proposta. Cabe ainda ressaltar que o acordo prevê também a emissão de opções de compras recíprocas em momentos previamente estabelecidos, o que não descarta a possibilidade de futuras compras parciais ou totais dos grupos envolvidos, caso uma das partes opte por exercer tais opções.

A união dessas empresas constitui mais um exemplo do processo de concentração e internacionalização do segmento de etanol do Brasil, que passou a ficar especialmente movimentado

a partir de 2000.<sup>12</sup> A magnitude da operação em questão certamente constitui um marco importante neste processo, com reflexos futuros sobre todo o mercado de combustíveis.

#### 4 Considerações finais

Em síntese, o aumento do IED na economia brasileira tem sido caracterizado pela sua concentração em atividades relacionadas a *commodities*. A compreensão das mudanças em andamento é fundamental para as discussões sobre o futuro da exploração dos recursos energéticos no Brasil e a consequente soberania nacional no aproveitamento do seu potencial exportador.

Apesar dos aspectos positivos da presença estrangeira na indústria doméstica, a entrada de capitais internacionais na produção e comercialização do álcool combustível brasileiro tem sido acompanhada por um significativo processo de concentração e desnacionalização das unidades produtivas domésticas, o que resulta em mudanças importantes em toda a cadeia produtiva da cana-de-açúcar.

O processo de internacionalização da indústria de etanol no Brasil tem avançado de forma rápida e unidirecional nesta década, caracterizando-se pelo aumento da entrada de companhias estrangeiras no setor, sem contrapartida da expansão das empresas nacionais para o exterior. Ou seja, a internacionalização tem ocorrido majoritariamente de fora para dentro, num forte processo de substituição das unidades produtoras locais.

Essa forma de expansão da produção tem implicações importantes para o modelo de desenvolvimento esperado para o etanol brasileiro, bem como para questões de soberania nacional na exploração do recurso. Tais fatores reforçam a necessidade de monitoramento e avaliação contínua dos desdobramentos futuros desse processo.

#### REFERÊNCIAS

ACIOLY, L.; CINTRA, M. A. M. (Org.). Além da autossuficiência: o Brasil como protagonista mundial no setor energético. **Inserção Internacional Brasileira**. Brasília: Ipea, 2010. Mimeografado.

BENETTI, M. D. A internacionalização recente da indústria de etanol brasileira. **Indicadores Econômicos FEE**, Fundação de Economia e Estatística, Secretaria do Planejamento e Gestão, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, v. 36, n. 4. 2008.

\_\_\_\_\_. Como vai a indústria do etanol no Brasil. **Indicadores Econômicos FEE**, Fundação de Economia e Estatística, Secretaria do Planejamento e Gestão, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, v. 37, n. 1, 2009.

GUEDES, C. A. M.; TEIXEIRA, M. R. Inovação e internacionalização na cadeia produtiva do etanol no Brasil: avaliação e perspectiva. In: CONGRESSO DA SOBER, 47., Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009.

12. Nesse ano o mercado foi surpreendido pela compra do grupo Ipiranga pela Ultra.

INTERGOVERNMENTAL PAINEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). *Climate Change 2007. Fourth Assessment Report*, ONU, IPCC, 2007.

KPMG. Sucroalcooleiro: melhora no ambiente traz boas perspectivas para o setor. **KPMG Business Magazine**, nov. 2009.

MATTOSO, E. S. **Estratégias de atuação das empresas de etanol no Brasil**. 2008. Dissertação (Mestrado em Finanças e Economia Empresarial) – Fundação Getúlio Vargas (FGV), Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE), Rio de Janeiro, 2008.

RAMOS, H. R. *et al.* A estratégia de internacionalização do setor sucro-alcooleiro do Brasil através da teoria de Born Global. *In: ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE ESTRATÉGIA (ELBE)*, 2., **Anais...** Lisboa, 2008.

SCARAMUZZO, M. Combustíveis: conclusão da associação entre as duas companhias está prevista para julho. *Joint venture* entre Cosan e Shell já está na briga pela vice-liderança. **Jornal Valor Econômico**, 15 jun. 2010.

SCHUTTE, G. R.; BARROS, P. S. A geopolítica do etanol. **Boletim de Economia e Política Internacional**, Ipea, n. 1, jan./mar. 2010.

UNCTAD. **World investment prospects survey 2010-2010**. New York e Genebra, UNCTAD, Sept. 2010. Disponível em: <[www.unctad.org.br](http://www.unctad.org.br)>

VALORONLINE. Diversas edições. Disponível em: <[www.valoronline.com.br](http://www.valoronline.com.br)>

**Anexo**

## QUADRO 1

**Presença estrangeira no setor de etanol no Brasil**

Empresa	País	Informações
Adecoagro	Argentina	Soros.
Abengoa	Espanha	
ADM	Estados Unidos	Achier Daniels Midland.
AGRERG	Diversos	Direção de Roberto Rodrigues com fundos estrangeiros.
Amyris	Estados Unidos	Recursos da Fundação Bill e Melinda Gates e capitais do Vale do Silício.
BP (British Petroleum)	Grã Bretanha	
BRENCO	Diversos	Tarpon Investments, Semco, Vinod Khosla, Steve Case, Ronald Burkle, Stephen.
Bing e James Wolfensohn	Estados Unidos	Investidores americanos.
Bunge e Born	Argentina	
Cargill	Estados Unidos	
Cluster de Bioenergia	Diversos	Empresa formada por 20 investidores, entre eles, instituições financeiras, construtoras e grupos petrolíferos.
Coinbra/Dreyfus (França)	França	LDC Louis Dreyfus Bioenergia (Brasil).
DOW Chemical	Estados Unidos	
Epuron	Alemanha	Grupo Conergy.
Eridania Beghin Say (EBS)	França	
Evergreen	Reino Unido	
Fundos de Investimentos: Carlyle/Riverstone, Di Maio Ahmad, Discovery Capital, Goldman and Sacks e Global Foods	Diversos	Fundos de Investimento.
Glencore Intl AG	Suiça	
Global Energy	Espanha	
Globex	Estados Unidos	
Grupo Stanley Morgan	Estados Unidos	
Infinity Bio-Energy	Estados Unidos	Fundos de investimentos Kidd & Company e banco de investimentos Merry Lynch.
Logen Corporation	Canadá	
Mitsubishi Corporation	Japão	
Mitsui	Japão	
Noble Group	Cingapura	
Shell	Holanda	Criação de uma joint venture com a Cosan no valor de aproximadamente US\$ 12 bilhões em agosto/2010.
Sojitz Coporation	Japão	Participação de 33,3% na empresa ETH Bioenergia do Grupo Odebrecht.
Tereos	França	
Toyota Tshusho	Japão	
Trading Noble Group	Hong Kong	
Trading Sucden	França	
Truenergy (Grupo Upstreamcap)	Estados Unidos	

Fontes: Benetti (2008) e notícias do jornal *Valor Econômico*.

## QUADRO 2

**Negócios de empresas estrangeiras na indústria de etanol brasileira: fusões e aquisições (2000 a 2010)**

Empresa/grupo comprador	Alvo	Local
ADECOAGRO (Soros)	Monte Alegre	MG
Bunge e Born	Santa Juliana	MG
Cargill (Estados Unidos)	CEVASA	SP
Coinbra/Dreyfus/LDC (França)	Cresciumal	SP
Coinbra/Dreyfus/LDC (França)	Luciânia	MG
Coinbra/Dreyfus/LDC (França)	Ativos do grupo Tavares de Melo	PB, RN, MS
Coinbra/Dreyfus/LDC (França)	São Carlos	SP
Eridania Beghin Say (EBS) (França)	Guarani	SP
FDA - Franco Brasileira A&A	Ipaussu	SP
FDA - Franco Brasileira A&A	Univalem	SP
FDA - Franco Brasileira A&A	Santo Antônio	SP
Glencore Intl A G (Suíça)	Portobello	SC
Infinity Bio-Energy (Estados Unidos)	UNISAVI	MS
Infinity Bio-Energy (Estados Unidos)	Alcana	ES
Infinity Bio-Energy (Estados Unidos)	CRIDASA	ES
Infinity Bio-Energy (Estados Unidos)	DISA	ES
Infinity Bio-Energy (Estados Unidos)	Celsa	ES
Infinity Bio-Energy (Estados Unidos)	Infisa	ES
Infinity Bio-Energy (Estados Unidos)	Guaricanga	SP
KIDD & Company (Fdo Investimento) (Estados Unidos)	Coopernavi	MS
Noble Group (Hong Kong)	Petribui	SP
Shell	Cosan ( <i>join venture</i> )	SP
Tereos França	Paraguaçu-Parálcool	SP

Fontes: Benetti (2008) e notícias do jornal *Valor Econômico*.